

Apresentação

Ângela Luzia
CEEP
aluzia@cma.m-almada.pt

Neste terceiro número da nova série da Arquivos da Memória, apresentamos quatro artigos que propõem abordagens multifacetadas, a partir de metodologias etnográficas, a uma temática que progressivamente se tem afirmado como um território de contaminação por excelência das ciências sociais, numa *promiscuidade* frutuosa tão cara à tradição do Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa: o fenómeno urbano na sua multidimensionalidade e a apreensão da mudança social, reconhecendo nos seus factores contraditórios uma característica intrínseca.

Partindo de situações de terreno aparentemente muito díspares - um bairro de construção densa, bastante heterogéneo nas suas múltiplas dimensões e a comunidade hindu residente num bairro de barracas incluído no Programa Especial de Realojamento na área metropolitana de Lisboa; experiências de habitação colectiva e auto-ajuda à construção em Berlim Leste; uma aldeia do nordeste transmontano em acelerado processo de mudança social - este número reflecte os fenómenos de desestruturação e perda face a situações de periferização, estratégias de resistência e produção de alternativas de populações/comunidades, com o pano de fundo das dimensões ideológicas das políticas de habitação e intervenção social na produção/perpetuação da exclusão. Em todas as situações emerge de forma mais ou menos explicita a questão da construção social da memória recente como factor de produção de novas centralidades.

No primeiro artigo, Ana Costa apresenta uma reflexão sobre as metodologias e o papel do investigador antropólogo na sua dialéctica com um terreno que exige a multiplicidades de escalas de análise, numa etnografia que implica um esforço constante de relocalização com base no conceito de transespacialidade como análise dinâmica de formas sociais com relação ao espaço.

A partir da investigação no âmbito da sua tese de mestrado em Antropologia do Espaço concluída em 2005, conduzida num bairro de construção em altura, Bairro Amarelo localizado no antigo Plano Integrado de Almada no mesmo concelho, a Autora reflecte agora sobre o olhar antropológico numa abordagem holística à morfologia espacio-social, que considerou o bairro

como um microcosmos dinâmico e em constante transformação, que reproduz a sua lógica interna no sistema urbano global.

Rita Cachado, numa investigação em curso no âmbito do doutoramento, defende a urgência do desenvolvimento de uma etnografia específica sobre práticas quotidianas e análise das estratégias de resistência e luta por direito à habitação por parte das comunidades de bairros de barracas em processos de realojamento, face a uma abordagem ainda dominante na sociologia e antropologia portuguesas sobre as políticas sociais de habitação, habitualmente centrada nos graus de satisfação e comparação das condições de habitabilidade/integração resultantes do realojamento face à situação anterior. A Autora explora os efeitos de um discurso sobre a pobreza, a partir de uma comunidade hindu da Quinta da Vitória, questionando o papel dos técnicos e burocracia dos programas de realojamento na perpetuação dessa mesma cultura de exclusão.

O terceiro artigo, de Irene Sabaté apresenta, com base numa investigação etnográfica, uma análise da produção das condições de habitação e as responsabilidades dos diferentes actores implicados no contexto de transformação profunda das relações de propriedade, redistribuição das funções residenciais no espaço, mercado imobiliário e políticas públicas de habitação em curso em Berlim Leste. Centrada no bairro de Friedrichshain, e nas experiências de habitação colectiva (Hausprojekte), analisa a evolução, conflito e limitações presentes nas estratégias de resistência e construção de alternativas por parte de associações e redes de vizinhos como afirmação política face às transformações da cidade, desde as experiências de ocupação (numa acepção de afirmação e combate ideológico) até ao recurso aos mecanismos e dispositivos legais de aquisição e gestão da habitação, em que permanece no entanto a centralidade da vida comunitária e a vontade de acção política, face a lógicas capitalistas. Analisa como estes movimentos sociais acabam, em contexto de *crise de reprodução* do Estado por ser cooptados como mecanismos de facilitadores da coesão social assumindo mesmo algumas das funções externalizadas, em processos de negociação complexos.

O artigo de Francisco Leitão, aparentemente o mais afastado dos terrenos anteriores, analisa as consequências da mudança rápida e excessiva de uma aldeia do nordeste transmontano, Vilar da Lomba, e os processos implícitos de *descontextualização / recontextualização*, num contexto de desestruturação do mundo rural. Mais uma vez o investigador recorre a metodologias etnográficas, considerando diferentes escalas de análise por referência à dilatação dos referenciais identitários (locais/globais), bem como à acção de mecanismos deslocalizados de afirmação do centro que implicam progressivamente a periferização exclusiva da aldeia. Neste

processo, a capacidade de transformar *património* em recurso de desenvolvimento, capaz de induzir atitudes de inovação pela reconstituição de uma memória social para além da sua folclorização, emerge como a possibilidade de construção de alternativas facilitadoras do processo de *recontextualização* e de afirmação de novas centralidades.